

Criando clima para novo pacote

EDUARDO BRITO
Editor de Economia

Saiu o **pacote**. E todo o País já pode se preparar para o próximo. Os empresários dão como certo que ele não demora e dizem ter obtido promessas nesse sentido.

Mais do que para aprovar as medidas que constavam de sua pauta, a reunião do Conselho Nacional serviu ontem para uma ampla exposição dos representantes do empresariado sobre a necessidade de uma desindexação da economia. Seus pronunciamentos coincidiram todos em um ponto básico: o pacote estaria incompleto, faltando nele medidas que impedissem o repasse das altas de preços de correntes dos cortes nos subsídios.

Normalmente os membros do CMN cingidos ao setor privado não aplicam seu tempo em explanações. Limitam-se a votar e, eventualmente, a manifestar seu desacordo com um ou outro item da pauta. Às vezes, seu protesto é mais forte. Nunca, porém, ocuparam tanto tempo de uma reunião, ainda mais uma reunião que começara com uma hora e meia de atraso e que terminou sendo das mais longas já realizadas.

Se na última reunião as autoridades espantaram-se com um delicado pedido do presidente do Banco Itaú, Moraes Abreu, para que antecipassem algumas das medidas que deveriam referendar na seguinte, desta vez foram elas próprias que pediram aos empresários para comentarem o **pacote**. O que eles disseram, com críticas violentas

à ausência de providências ligadas à desindexação, seguramente não constituiu surpresa para ninguém.

O raciocínio por eles esboçado era bastante simples. O **pacote** visa combater a inflação e o déficit público. Entretanto, os cortes de subsídios, por exemplo, trarão uma alta de preços, que se refletirá nos salários via INPC e acabará de corpo inteiro no IGP, o índice da Fundação Getúlio Vargas que mede a inflação. Esses indicadores, nos termos da Resolução 802 do próprio Conselho, serão repassados à correção monetária e assim inflarão mais ainda a dívida interna, que se exprime em ORTNs.

O próprio ministro Delfim Netto, em entrevista dada bem cedo, não repeliu frontalmente essa tese. Chegou, aliás, a admitir que o **pacote** ficou aquém do que desejava. Como diriam os representantes do setor privado, as medidas de ontem seriam "insuficientes" para atingir os objetivos pretendidos.

Em outras palavras, faltou alguém no tribunal erigido pela tecnocracia. Os subsídios, os gastos das estatais, os ganhos de capital foram crucificados. Faltou um réu.

O ministro do Planejamento disse a diversos interlocutores, durante entrevistas ou em contato com parlamentares, que não houve condições políticas para levar o **pacote** tão longe quanto se pretendia. Com a sensibilidade política que nem os adversários lhe negam, Delfim acabou por acolher as ponderações feitas pelos ministros Leidão de Abreu e Rubem Ludwig,

retirando de cogitação as medidas de desvinculação. Outros fizeram o mesmo, como o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, que se retirou irritado da reunião mantida na quarta-feira passada.

Deu-se assim mais tempo ao gradualismo. Não há dúvida, porém, que as propostas que visam a desindexação estão circulando na área econômica e no próprio Planalto, merecendo estudos — como disse ontem um dos principais assessores de Delfim, Akihiro Ikeda — e em preparo para voltarem à cena. Mais sério, não se limitam ao **expurgo** do INPC, o que se pode fazer por via administrativa, ou ao reajuste da correção monetária em proporções inferiores à inflação, ainda mais fácil de se proceder. Vão até a reformulação da política salarial, como, mais uma vez, admitiu o ministro do Planejamento.

Delfim Netto ainda tem esperanças de que as condições políticas que faltaram desta vez surjam no futuro. Para isso, ele crê que existem possibilidades de, diante dos problemas nacionais, haver uma ampla conscientização nacional da necessidade de novas medidas. De qualquer forma, ao se referir a **condições políticas**, Delfim seguramente não se referiu ao Congresso, ao eleitorado ou mesmo à junção PDS-PTB. Um ex-ministro, hoje oposicionista, o senador Severo Gomes, entendeu imediatamente o que significa essa expressão: "é impossível fazer previsões a respeito, pois estamos aí lidando com um círculo bastante restrito de poder", explicou.